

## roberto freire & o amor libertário: um corpo *aqui*

*gustavo simões*

Em *Ar de Dylan*, o escritor catalão Enrique Vila-Matas inventou, a partir do luto do personagem Vilnius, filho de um grande escritor que havia morrido recentemente, a travessia “na qual o próprio luto iria engendrando para o morto uma nova família [...] uma comunidade apaixonada e leve, engendrada pelo próprio ritmo criativo do luto”<sup>1</sup>. Acompanhei de perto o ocaso da existência de um homem extraordinário, o também escritor Roberto Freire. E como Vilnius, isto é, para transformar o luto, lancei-me a um trabalho determinado sobre sua escritura libertária. Todavia, lançar-se sobre o trabalho de alguém que decide a vida como a própria matéria implica uma atividade aberta. “Eu acreditava ter chegado ao porto, mas fui lançado de volta ao alto mar”<sup>2</sup>, concluiu o filósofo Gilles Deleuze sobre Michel Foucault. E assim, hoje, no presente, sou arrastado de volta ao mar revolto de Roberto Freire.

\*\*\*

*Gustavo Simões é pesquisador no Nu-Sol, no Projeto Temático FAPESP Ecopolítica e doutorando em Ciências Sociais no Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Contato: gusfsimoes@gmail.com.*

Há exatos trinta anos, Freire publicou *Utopia & Paixão*, sete anos depois de lançar seu primeiro livro de ensaios, *viva eu viva tu viva o rabo do tatu*, no qual afirmou pela primeira vez sua prática anarquista. *Utopia & Paixão*, assinado em parceria com Fausto Brito, é rescaldo da descoberta, por Freire, de Wilhelm Reich e do anarquismo do *The Living Theatre* no final dos anos 1960, das pesquisas antipsiquiátricas, e de sua aproximação com libertários, como os integrantes do *Inimigo do Rei*<sup>3</sup> na década seguinte. Com este livro, que emergiu no instante em que perdeu a visão em decorrência do descolamento das retinas causado pelas torturas que sofreu no porão do DOPS logo após o golpe civil-militar de 1964, Freire rompeu definitivamente com a militância organizada da qual participou ativamente nos anos 1960.

Explicitando com vigor outra militância, próxima do que Foucault chamou de “militância divertida”, Freire e Brito problematizaram a não politização das terapêuticas corporais, o marxismo (“uma concepção de fundo religioso: o sacrifício hoje, o paraíso amanhã”<sup>4</sup>) e a noção de liberdade como mera participação nos rituais eleitorais (“a liberdade política, para ser sinônimo de liberdade social, tem de ser vivida na família, na fábrica, nas ruas, enfim em todo o universo da vida”<sup>5</sup>).

O fogo do livro se alastra no momento em que recuperam os anarquismos e Charles Fourier para reivindicar a vivência de uma utopia que amalgame Eros e a liberdade. Porém, diferente do consolo habitual que reserva à utopia um futuro inevitável e distante, o convite concentrado no livro é a realização desta no presente e no próprio corpo. “Para nós, a cidade ideal, o *topos* já foi encontrado. É nosso corpo, o soma de cada um.

Nós não a encontrávamos porque a supúnhamos fora do espaço e do tempo, porque alienamos nosso corpo, porque o emprestamos, o alugamos, o vendemos, porque permitimos que se apoderassem dele e o escravizassem. Então, movidos por uma espécie de banzo sonhamos com a utopia, julgando-a fora e longe de nós. Mas isso só é possível porque aprendemos a separar o eu do corpo e o pensamento da vida”<sup>6</sup>.

Passados dois anos, Freire avançou na conclusão de *Utopia & Paixão*. A utopia libertária e erótica no corpo é uma das características que marcarão o romance *Coiote* (1986). Se em *viva eu viva tu viva o rabo do tatu* Freire explicitou seu anarquismo pela primeira vez, foi somente a partir de *Utopia & Paixão* que o rompimento com a militância dura e organizada cedeu espaço ao corpo de baile, bando de Coiote, espécie distinta, mas de algum modo similar à sociedade infraleve instaurada pelo luto de Vilnius, personagem de Vila-Matas. “Para eles, infraleve era o roçar de calças ao caminhar, um desenho a vapor de água, um bafejo no vidro da janela”<sup>7</sup>.

\*\*\*

No ensaio “Outros espaços”, redigido em 1967, na Tunísia, um ano após o lançamento de *As palavras e as coisas*, Michel Foucault analisou a mania obcecada com que a História e suas abordagens foram tratadas no século XIX. Todavia, alertou para como tal mania histórica cedeu em importância, na segunda metade do século XX, à preferência pelo espaço. “Talvez se pudesse dizer”, concluiu, “que certos conflitos ideológicos que animam as polêmicas de hoje em dia se desencadeiam

entre os piedosos descendentes do tempo e os habitantes encarniçados do espaço”<sup>8</sup>.

Foucault apresentou a emergência de certos posicionamentos que “suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações que se encontram por eles designadas” e distinguiu estes posicionamentos entre utopias, “posicionamentos que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou inversa”, e o que denominou de heterotopias, “lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécie de utopias efetivamente realizadas [...] lugares que estão fora de todos os lugares”<sup>9</sup>.

Edson Passetti argumentou que é possível ver os anarquistas no interior desta realização heterotópica assinalada por Foucault, visto que os libertários são reconhecidos pela dessacralização dos espaços onde atuam, vivendo em associações, “inventando formas de vida livre, na casa, no amor, na amizade, com os filhos, os amigos”<sup>10</sup>. Em “Vivendo e revirando-se: heterotopias libertárias na sociedade de controle”, Passetti acompanha as vidas de Flora Tristan e Paul Gauguin, personagens do romance de Mario Vargas Llosa, *Paraíso na outra esquina*. “O Paraíso na outra esquina’, parte de uma referência à brincadeira infantil de se tocar com olhos fechados em busca do paraíso. Traçava possíveis percursos de realizações heterotópicas – lugares em que acontecem as utopias [...] A sociedade europeia melhor e mais justa foi o sonho de Flora Tristán; uma Polinésia que não se livrou mais dos efeitos da colônia francesa e suas instituições racionais e clericais, a de Paul Gauguin”<sup>11</sup>.

Deslizando em barcos – “o barco foi desde a modernidade, quem melhor traduziu as heterotopias, deslocando-se pelos mares até continentes, arquipélagos, ilhas, realizando os sonhos dos civilizados”<sup>12</sup> – Flora e Gauguin puderam descobrir outros espaços que propiciaram, senão as utopias sonhadas, transformações na existência de cada um. Roberto Freire foi ele mesmo seu próprio barco, experimentando com o casco, a quilha, na própria pele, o sabor da utopia. Ao invés de aguardar, dedicou-se, desde que abandonou a militância rígida, nos anos 1970, a namorar esta maré. Afastou-se da busca decepcionada pela revolução e, a partir da década de 1980, intensificou a articulação incessante entre escrita e existência por meio de conceitos experimentáveis como o *Tesão* e a *sensualização da existência*, noção incorporada das reflexões do escritor D.H. Lawrence.

Em 1998, o anarquista Jaime Cubero, no ensaio “Razão, Paixão e Anarquismo”, escreveu que, devido a uma conversa com Freire, optou por abandonar a expressão “amor livre” em detrimento de “amor libertário”. “Em uma palestra, na Casa da Soma, sobre amor livre abordamos o assunto, juntamente com Roberto Freire e concluímos por essa conceituação. A expressão amor libertário é de Roberto Freire, a quem considero, entre os autores anarquistas que conheço, o maior e mais profundo na abordagem do tema em termos atuais”<sup>13</sup>, declarou. Abordagem que, como mostrou Cristian Ferrer, possui experiências extraordinárias pois, para os libertários, “o futuro previsto supunha uma inversão cultural muito anterior, de maneira que, quando chegasse o grande momento, até a última pessoa na Terra já estaria transformada em anarquista. Assim, o tempo da promessa era o daqueles dias e não um

sonho para um dia quem sabe”<sup>14</sup>. Entre as experimentações de amor livre, na passagem do século XIX para o XX, Ferrer cita a Colônia Cecília<sup>15</sup>, no Brasil, os escritos de Émile Armand publicados em *l'Ère Nouvelle*, *L'Anarchie* e *L'Unique* e o periódico argentino *La Autonomia* que, segundo ele, incluía em sua capa: “Só há uma doutrina na vida. Esta doutrina tem uma só fórmula. Esta fórmula uma só palavra. Gozar”<sup>16</sup>.

Mais do que mera atualização do chamado amor livre, em *Utopia & Paixão* – livro pouco comentado em relação a *Sem Tensão não há Solução* e *Ame e Dê Vexame* –, Freire retoma o embate encarniçado dos anarquistas com as militâncias utópicas que se inscrevem na marcha rumo ao amanhã formada por fileiras de revolucionários e reformistas, como apresentou Octavio Paz em *Signos em rotação*. Sabe-se que desde os ataques de operários e anarquistas, em meados do século XIX, a relógios espalhados pelas cidades europeias e até as invenções estéticas, na segunda metade do século XX, como o 0’00 de John Cage, anarquistas afirmaram as experiências no espaço em detrimento das medidas do tempo. Em *Utopia & Paixão*, a perspectiva do libertarismo como paixão liberada no próprio corpo, aqui-e-agora, afirma precisamente o que escapa ao desfile da História.

Em “Corpo Utópico”, Michel Foucault escreveu que no interior de uma relação amorosa a utopia, isto é, o “que se encontra sob outro céu, lugar absoluto”, não está presente “porque no amor o corpo está *aqui*”<sup>17</sup>. O amor libertário afirmado por anarquistas, de Émile Armand, Giovanni Rossi, América Scarfó, Severino Di Giovanni, Roberto Freire, entre outros, é o corpo inscrito *aqui*, lugar real e efetivo de transformações, espaço de prazer, algo

distinto e distante dos consolos das utopias. Embora, segundo Cubero, Freire tenha sugerido a expressão “amor libertário” em detrimento de “amor livre”, por dentro de seus romances e ensaios é muito mais recorrente a associação da anarquia com a palavra paixão, como expressou o próprio título do livro que me lançou de volta ao alto mar.

Paixão, palavra que os anarquistas incorporaram a sua lida com a vida. Como afirmou Salete Oliveira em “Paixão, a incontível revolta”, texto publicado pela primeira vez na edição da revista *Libertárias* dedicada a “Paixão e Anarquia”, a paixão “é superlativa. Exagerada. Excesso indomesticável. Transtorna humores mornos. Arranca os cabelos daqueles que só concebem a paixão reservada a cômodos-com-modos [...] Não há quando. Só aqui [...] Ato que afirma no ESPAÇO. Paço-lugar. Passo substantivo. Passo verbo”<sup>18</sup>.

\*\*\*

Há seis anos, Freire abandonou a existência. Há trinta, publicou *Utopia & Paixão*, livro para quem segue muito vivo e disposto a experimentar a anarquia *aqui*, no fogo das ruas, pelos quatro cantos, contra qualquer contrato. Um livro ainda presente e para o presente. Como apresentou Vila-Matas, determinadas partidas podem engendrar, para além da tristeza, um jovem bando apaixonado e leve.

Alegria é poder amar em alto mar sem margem. Experiência de quem vive o corpo *aqui*.

## Notas

<sup>1</sup> Enrique Vila-Matas. *Ar de Dylan*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo, Cosac & Naify, 2012, p. 184.

<sup>2</sup> Gilles Deleuze. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo, Ed. 34, 2007, p. 188.

<sup>3</sup> Sobre *O Inimigo do Rei*, jornal libertário que irrompeu em 1977 incorporando à militância libertária contestações ligadas à liberação do sexo e das drogas. Gustavo Simões. “Por uma militância divertida: o inimigo do rei, um jornal anarquista” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 11, 2007.

<sup>4</sup> Roberto Freire & Fausto Brito. *Utopia e Paixão: A política do Cotidiano*. São Paulo, Trigram, 2001, p. 22.

<sup>5</sup> Idem, p. 29.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 99.

<sup>7</sup> Enrique Vila-Matas, 2012, op. cit., p. 199.

<sup>8</sup> Michel Foucault. “Outros espaços” in *Ditos e Escritos III: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Organização de Manoel Barros da Motta. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro, Forense, 2001, p. 411.

<sup>9</sup> Idem, p. 415.

<sup>10</sup> Edson Passetti. “Heterotopias anarquistas” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 2, 2002.

<sup>11</sup> Edson Passetti. “Vivendo e revirando-se: heterotopias libertárias na sociedade de controle” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 4, 2003, p. 40.

<sup>12</sup> Idem, p. 47.

<sup>13</sup> Jaime Cubero. “Razão, paixão e anarquismo” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 21, 2012, p. 46.

<sup>14</sup> Christian Ferrer. “Os antípodas – o futuro das publicações anarquistas de outrora” in *verve*. Tradução de Thiago Rodrigues. São Paulo, Nu-Sol, n. 21, 2012, p. 15.

<sup>15</sup> Comunidade libertária inventada no final do século XIX, no Paraná, por anarquistas vindos da Itália em terreno cedido por Pedro II. Com duração de quatro anos e com a publicação de folhetos como “Propaganda



emancipadora entre as mulheres”, tinha como objetivo, segundo Cristian Ferrer, “propagar o ‘amor plural’ ou ‘poliamor’”. Cristian Ferrer, 2012, op. cit., p. 16.

<sup>16</sup> Em “Os antípodas – o futuro das publicações anarquistas de outrora”, Ferrer retoma tais práticas liberadoras confrontando no presente a miséria política das chamadas minorias que, em nome da busca por “identidades” no interior do Estado, celebravam leis que autorizavam o casamento gay. Assim como na política, concluiu, “a presença parlamentar da minoria confere legitimidade à maioria eleitoral”. Cristian Ferrer, 2012, op. cit., p. 16.

<sup>17</sup> Michel Foucault. “Corpo utópico” in *O corpo utópico e as heterotopias*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo, Ed. n-1, 2014, p. 16.

<sup>18</sup> Salete Oliveira. “Paixão, a incontível revolta” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 21, 2012, p. 83.

Roberto Freire e o amor libertário: um corpo aqui

*Resumo*

*A partir dos trinta anos da publicação de Utopia & Paixão, retoma-se as primeiras afirmações do que Roberto Freire chamou de “anarquismo somático”. A análise do livro, relacionada ao texto de Michel Foucault, “corpo utópico”, possibilitou associar o libertarismo de Freire às heterotopias afirmadas pelo filósofo francês e, sobretudo, ao que Edson Passetti denominou como “heterotopias anarquistas”. Por fim, descreve-se os efeitos vitais dos escritos de Freire nos anarquismos praticados no Brasil, especialmente na elaboração da noção de “amor libertário”.*

*Palavras-chave: anarquismo-somático, heterotopias-anarquistas, amor libertário.*

*Abstract*

*The 30th anniversary of the book Utopia & Paixão [Utopia & Passion] is the starting point for an analysis of the Roberto Freire's first appointments on what he called “somatic anarchism”. This book analysis, associated with Michel Foucault's “Utopian body”, makes it possible to articulate Freire's libertarianism with the heterotopias sustained by the French philosopher and, in special, to what Edson Passetti has named “anarchist heterotopias”. Finally, the text describes the vital effects of Freire's writings on the anarchism practiced in Brazil, especially in the elaboration of the notion of “libertarian love.”*

*Keywords: somatic anarchism, anarchist heterotopias, libertarian love.*

**Roberto Freire & the libertarian love: a body here, Gustavo Simões.**

*Recebido em 5 de setembro de 2014. Confirmado para publicação em 20 de setembro de 2014.*